

Biografia de um Sertão

F. Alves de Andrade

MOMBAÇA — BIOGRAFIA DE UM SERTÃO é um documentário exaustivo, criterioso e bem cuidado, consciente e valioso, legado à posteridade por AUGUSTO TAVARES DE SA e BENEVIDES.

Dizendo ser um documentário exaustivo, isto não basta para caracterizar a obra que, não sendo história no sentido moderno do termo, contém matéria-prima não apenas para o historiador, mas para o genealogista, o estudioso da administração, o sociólogo e até mesmo o romancista e poeta, voltados para a maravilha do abscondito, vencida no tempo ou perdida no espaço, restante na legenda das formações regionais.

Ensina o historiador J. HONÓRIO RODRIGUES que “a biografia nos seus métodos, na sua compreensão e narrativa é também história de uma única vida em suas crenças, seus sentimentos, suas decisões, erros e virtudes.” (1) Mas, AUGUSTO TAVARES, como o chamamos, nós mombacenses, seus conterrâneos, sem tratar de uma única, reuniu muitas vidas, fazendo com elas a biografia de um antigo município cearense que, na amplitude de sua formação no tempo e no espaço, caracteriza o SERTÃO DE MOMBAÇA.

Em sua modéstia de cativante estima a comunicar-se, assim manifesta o objetivo do seu estudo: “nas páginas que se seguem procurei traçar um pequeno roteiro para a história da minha terra natal, narrando fatos, apontando datas, descrevendo alguns aspectos e lembrando nomes.” Acrescentemos que, através do roteiro indicado, narrou toda uma vida da microrregião com os hábitos do seu povo, suas crenças, seus sentimentos, modos de pensar, suas decisões, erros e virtudes.

(1) JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES, *Teoria da História do Brasil*, 2.^a ed. Comp. Edit. Nac. p. 146 — São Paulo, 1969.

Qual o cenário ou ambiência daquele esquecido drama da vida que o autor, em modesto mas denso relato, traz à memória das novas gerações? Respiquemos um pouco da análise explicativa com que procuramos esclarecer um dos nossos poemas "SAGA DOS SERTÕES DE MOMBAÇA," poesia dentro da História e da Geografia Sentimental, todo arrimado nos estudos que AUGUSTO TAVARES DE SÁ E BENEVIDES publicou na Revista do Instituto do Ceará, Tomo 62 n.º 61, ano de 1947.

OS SERTÕES DE MOMBAÇA constituem no Ceará uma bem caracterizada microrregião, situada entre os mais antigos sertões de Quixeramobim, do Quixelô e dos Inhamuns.

O antigo município de Mombaça, de que trata o autor, abrangia não só o atual existente, mas os de Pedra Branca, Senador Pompeu e Piquet Carneiro, constituindo típica região encravada numa moldura de serranias e serrotes secos que mais parecem braços perdidos da Ibiapaba, separando a bacia do Jaguaribe das terras marginais do seu maior tributário, o BANABUIU.

Em 1706, João de Barros Braga, Maria Pereira e Serafim Dias requereram e lhes foi dada sobre o Banabuiu a sesmaria onde está situada a atual cidade de Mombaça, a cuja ribeira os portugueses deram este nome, transplantando da África em memória de seus feitos, o topônimo africano.

As manchas férteis dos SERTÕES DE MOMBAÇA logo atraíram e aglutinaram famílias de sertanistas vindos da Paraíba e de Pernambuco (sertão de fora), e das margens sergipanas ou baianas do Rio São Francisco (sertão de dentro) na pitoresca expressão do historiador Capistrano de Abreu.

A luta pelo domínio, posse e exploração da terra gerou uma trajetória positiva de valores humanos, cujos episódios guardam uma profunda verdade, somente alcançável pela poesia, que tem a graça do sonho, da esperança e da beleza imortal.

* * *

É sobre essa paisagem física, animada de seiva da virgem terra, coberta do manto verde, que escondia, outrora viçosos, os seios da gleba para o germinar das sementes e dos pastos sortidos, que se desenvolve o drama do povoamento. A este AUGUSTO TAVARES DE SÁ E BENEVIDES se deve, como a um arqueólogo da historiografia, a penetrar os SERTÕES DE MOMBAÇA, revelações que só o natural pendor de suas energias poderia alcançar espontaneamente.

Tabelião público por longos anos, político militante, mas sempre estudioso da crônica de sua terra natal, manteve-se

atento, desde criança, ouvindo a palavra da tradição. Mergulhou nos arquivos do seu cartório, cuja documentação antiga não fora até então retirada para Fortaleza, confidenciou com os historiadores, subindo a torrente dos seus escritos.

Subiu e desceu o Banabuiu na corrente das sesmarias e apanhou em baixo as águas dos julgados, das decisões sobre demandas, inventários e partilhas. Aprendeu também a subir e descer nas árvores genealógicas. E tocando os velhos troncos familiares dos sertões, descobriu raízes e balançou os ramos pejados dos frutos avoengos.

Dizíamos que a luta pelo domínio e posse da terra gerou uma trajetória de valores cuja profunda verdade somente seria alcançável pela poesia. De certo, o leitor não irá encontrar estrofes nos escritos que o tabelião deixou neste livro. Em verdade, o que ele escreve não trai o velho hábito da continuidade das linhas sem abrir lá muitos parágrafos. Sua linguagem é simples, sem atavios, sem preocupações de formas literárias, mas de narrar com fidelidade e apoio nos documentos e na tradição, o que irá interessar ao historiador.

Não sabemos, mas, talvez por impressão emotiva, sobre páginas do avanço sertanista em arrancada heróica, ao ler os informes do autor, parece-nos ouvir um tropel que tentamos evocar no poema a que nos referimos, assim:

Vinham chegando
e iam ocupando...

Mediam a terra
com as patas dos seus cavalos,
abriam caminhos
com os rastros dos seus armentos.

Ocuparam a ribeira do rio
que o índio nu chamou
Brejo das Borboletas,
outros chamaram de Rinaré,
e tornou-se Rio da Palha
de Santos Vilhena.

Vinham chegando
e logo povoando...

O áspero Capitão João de Barros Braga,
a legendária Maria Pereira da Silva
e o português Serafim Dias
ganharam esta sesmaria em 1706

com apenas tinta e papel,
terra que deveriam garantir
com suor e sangue
e outros deveriam cultivar
com suor e lágrimas... (2)

A matéria versada por TAVARES DE SÁ E BENEVIDES é daquelas que, como diz o autor de "Teoria da História do Brasil" resta como o que pode ser reescrito de novo, em face de cada momento cultural, dada a inegável "consciência das épocas".

Para escrever o seu livro o autor mergulhou nas fontes da historiografia regional, como se depreende do Capítulo I em que trata dos Primitivos Habitantes. Leitor da Revista do Instituto do Ceará, em que colaborou com alguns bem lançados artigos, apoia-se em Tomás POMPEU SOBRINHO, relata os informes de Carlos STUDART FILHO, não esquecendo o que um seu parente mais próximo, Augusto Jaime BENEVIDES DE ALENCAR, uma outra vocação de historiador, publicou na *Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História* sobre *Os Sertões de Mombaça*, Vol. I, pag. 81 e Vol. II, pag. 62 e seguintes. É a este estudo, muito bem delineado na respectiva sùmula, cuja publicação ficou suspensa no primeiro capítulo, se deve a elucidação da descoberta do Rio Banabuiu por Manoel de Goes. Foi a partir de BENEVIDES DE ALENCAR, erudito autodidata, também mombacense, que se viu germinar o interesse pela historiografia dos SERTÕES DE MOMBAÇA, todos despertados pela legenda com que aquele dileto conterrâneo abriu o seu estudo:

"URGE QUE REFAÇAMOS AOS CLARÕES VIGOROSOS DA VERDADE, AS NOSSAS TRADIÇÕES E A NOSSA VIDA"

AUGUSTO TAVARES DE SÁ E BENEVIDES perseverou fiel àquelas tradições generosas. Neste livro estaremos a ouvi-lo do batente do seu cartório, foleando velhos autos, ditando-nos a crônica local e, da janela da casa de seus pais e avós, mirando os arvoredos genealógicos, a contar-nos episódios e lendas que ele ouvira dos seus maiores. A lenda da "*Gata de Serafim Dias*", um rico português, sesmeiro de uma das datas da fundação de Mombaça é uma destas estórias que TAVARES nos conta e que inserimos em nosso poema como símbolo das indigências da terra natal:

(2) F. ALVES DE ANDRADE. *Saga dos Sertões de Mombaça* — A Poesia dentro da História e da Geografia Sentimental, apud O Presbítero e os Sertões — Rev. do Instituto do Ceará, T. 79, 1975.

Quando o rico português morreu
acompanhou o seu corpo até o rio
uma gata de estimação.
O rio estava cheio,
o morto, carregado nos ombros
de índios e de escravos.
E a gata ficou-se num rochedo,
a mirar as águas rolantes,
solitária, a chorar,
até que uma piaba,
saltando do rio,
apanhada no dente,
fez-se o seu primeiro repasto.
O tempo passou,
a gata emagreceu,
piaba não veio,
pesca não se viu,
até que a gata morreu,
triste, na cegueira de esperar...
Os que ali lutaram,
os que lidam ainda
por intento e teimosias,
dizem que têm a cegueira
da gata de Serapim Dias. (3)

Tratando do nome Mombaça, o autor não só recorre à tradição mas arrima-se em provectos historiadores, a exemplo do Conselheiro Tristão, que faz remontar a institucionalização do atual topônimo a 1832, data da criação da Freguesia, bem assim nos mais especializados da lingüística, como Florival Seraine, que mais intensamente cuidou da toponímia entre os tratadistas do Instituto do Ceará. No capítulo sobre *Aspectos da Terra*, relata o testemunho do botânico FREIRE ALEMÃO, desde 1861, registrando o processo de devastação, também assinalado por Antônio Bezerra, lembrado por Renato Braga, e as experientes indicações de Padre Pedro Leão Paz de Andrade sobre a fertilidade da terra e seu aproveitamento pela agricultura. Regista curiosidades sobre letreiros ou inscrições rupestres de que trata T. de Alencar Araripe sob a epígrafe *Letreiros Lapidares* na Revista do Instituto do Ceará T. 23, Ano XXIII, 1909. Em seu trabalho, o Conselheiro Tristão relata haver extraído aludidos informes da obra *Lamentação Brasileira*, do padre Francisco de Menezes que, em fins do século XIX e começo deste século percorreram os sertões cearenses no intuito de verificar tesouros escondidos, que o viajante supunha haverem deixado os holande-

(3) F. Alves de Andrade — *Saga dos Sertões de Mombaça*.

ses. Faz referências ainda sobre posição geográfica e hidrografia.

Mais extenso é o Capítulo IV sobre “*As Sesmarias*”, em que as relaciona, especialmente as do chão de Mombaça, sobre o rio Banabuiu e seus afluentes, tentando a elucidação de alguns pontos obscuros. No Capítulo V oferece um valioso levantamento das antigas Fazendas, especialmente daquelas desmembradas das primitivas Sesmarias. Nesta altura, AUGUSTO TAVARES DE SÁ E BENEVIDES revela uma contribuição notável como conhecedor de aspectos fundiários, dada a disponibilidade do seu cartório, cujo acervo conhecia bastante.

O leitor atento de nossas peculiaridades rurais, percorrerá com este cicerone de fontes obscurecidas, desde a tradicional fazenda da primitiva sesmeira, *Boca da Picada*, de Maria Pereira da Silva, outras tantas mais que ainda mantêm os nomes por entre minifúndios dispersos. Afirmam alguns que Maria Pereira jamais morou em Mombaça, que dela, por muito tempo recebeu o nome. Mas o autor diz ter ouvido de antigos conhecedores do passado, como Miguel Plácido Aderaldo de Aquino e Manuel Ferreira Marques Brasil o testemunho da tradição: assim, eles costumavam dizer, apontando os alicerces de uma casa antiga: ali era a casa da velha Maria Pereira. Na seqüência sesmarial, AUGUSTO TAVARES assim relaciona as antigas fazendas:

SERAFIM DIAS, JOÃO DE BARROS, JARDIM, CASA FORTE, CAIÇARA, ONÇA, SANTA RITA, CAMPOS, BOQUEIRÃO, SANTA QUITÉRIA, CALDERÃO, MOSQUITO, CARNAÚBA, CANGATÍ, VICENTE, SÃO VICENTE, GUARANI, SÃO JERÔNIMO, MANUEL GONÇALVES, SERROTE (hoje CANAAN e VARZEA GRANDE), BARRA NOVA, AGRESTE, QUEIMADAS, LABIRINTO, SANTIAGO, CACODÉ, LAGOÁ, PITOMBEIRAS, CATOLÉ, PEDRA PRETA e outras que das antigas se desdobraram, para constituir muitas progressistas fazendas atuais.

Estas fazendas se constituíram bases firmes dos “*Velhos Troncos Familiares*” de que, com proficiência trata o autor no Capítulo VI do seu valioso livro. Procurando cotejar a tradição com os inventários mais antigos, o investigador esforça-se por demonstrar que os primeiros povoadores de Mombaça foram:

1. MARIA PEREIRA DA SILVA, uma das sesmeiras da data, vinda de Pernambuco. Dela descendem as famílias: Gonçalves, Lemos, Almeida e notadamente os Marques (Os Aderaldo são Marques).

2. SERAFIM DIAS DA SILVA E BULHÕES, casado com Inácia Pereira da Silva, enviuvando casou-se com uma índia, deixando numerosa prole. Era português, um dos sesmeiros da data, por ele requerida e primeiro dono da fazenda que tinha o seu nome e resta fragmentada em minifúndios. A seu respeito há uma lenda já referida.
3. PEDRO BARBALHO, português, casado com Teresa de Sousa, donatária do chão para a Capela de Nossa Senhora da Glória. Uma filha do casal casou-se com o Sargento-Mór, Pedro de Abreu Pereira, o primeiro proprietário da Fazenda Santa Quitéria. Desta união descendem: Francisca Gertrudes da Conceição, casada com Antônio Ferreira Marques, natural de Pernambuco, dos quais descende o Barão de São Leonardo, Comendador da Ordem da Rosa, casado com uma francesa Line Gauthier. Bisneto de Pedro Barbalho é Capitão Honorato da Silva Limoeiro que celebrizou-se prendendo sozinho, quando Juiz de Paz, três perigosos assassinos. O fato é narrado por Gustavo Barroso em "Heróis e Bandidos" e por Esperidião de Queiroz Lima, em "Antiga Família do sertão".
4. CAPITÃO PEDRO DA CUNHA LIMA, natural de Portugal, foi proprietário da Fazenda CASA FORTE, vivendo alguns dos seus descendentes na Fazenda CAMPOS e no Mandacaru. Dele descendem os Cosme que se entrelaçaram com os Martins e estes com a família VIEIRA.
5. RODRIGO FRANCISCO VIEIRA, natural de Viana, de Portugal é tronco comum da Família Vieira que se entrelaçou com os Monte. João Batista Vieira foi o primeiro proprietário da Fazenda PACIÊNCIA. O Cel. Augusto Francisco Vieira, o Comandante, foi o maior proprietário de terras em Mombaça e Chefe político, como seu irmão Cel. Olímpio Francisco Vieira.
6. JERÔNIMO DA COSTA LEITE, filho de Jerônimo da Costa Leite e de Rosa Maria Leite, estes eram naturais da cidade de Porto em Portugal. Foram os primeiros proprietários da Fazenda Calderão. Neste ramo entroncaram-se os BENEVIDES, trazidos da Paraíba com novo Vigário da Freguesia de Mombaça, pelo Padre Antônio José Sarmiento Benevides.
7. ANTÔNIO LEMOS DE ALMEIDA, natural de Pernambuco, casou-se com Eugênia Gonçalves de Carvalho, filha do Sargento-Mor Pedro de Abreu Pereira. Sua descendência é tão grande e tão fundamental como a de

Jerônimo da Costa Leite, entroncando-se com os ARAUJO CHAVES dos INHAMUNS.

8. JOSÉ DE GÓIS E MELO, natural de Pernambuco. Seus descendentes se disseminaram pelo Sítio São Vicente. Neste ramo entroncaram-se os CASTELO, Teixeira, de origem.
9. ANTÔNIO FERREIRA MARQUES, natural de Pernambuco, casado com Francisca Gertrudes da Conceição é tronco comum dos Marques Brasil, dos Aderaldo, que são Marques. Neste tronco enlaçaram-se também alguns dos Paes de Castro, vindos do Assaré com Luís Jorge de Castro e Teresa Gonçalves. Destes Marques descende o famoso Barão de São Leonardo, já referido.
10. SARGENTO-MOR COSME RABELO VIEIRA, natural de Viana, de Portugal foi o primeiro proprietário da Fazenda JACOCA, à margem do Banabuiu perto da cidade de Senador Pompeu. É tronco comum da família Vieira que se disseminou entrelaçando-se com os Monte e outros em Senador Pompeu, Morada Nova, Quixeramobim e circunvizinhanças. Dele descende o farmacêutico Tertianiano Vieira e Sá de alta projeção em Fortaleza.
11. RAFAEL PEREIRA SOARES, primeiro proprietário da Fazenda MOSQUITO, no riacho Cacodé ou Coquidê, era natural da Paraíba, constituiu enorme descendência entrelaçada com os Araujo, Veras, Moura Lima e outros.
12. ANACLETO MARTINS CHAVES, natural dos INHAMUNS, da família ARAUJO FEITOSA. Foi proprietário da Fazenda SANTIAGO, veio do velho Clã dos Feitosas ou Araujo Chaves.
13. JOÃO ALVES CAMELO, natural da cidade de Nazaré, Pernambuco. Residia na Fazenda AGRESTE, ainda hoje pertencente à família, possuindo magnos cabedais e numerosos descendentes.
14. FRANCISCO JOSÉ DE FONTES BRAGA, natural de Aracati, também de origem pernambucana. Era genro do Capitão Manuel Rodrigues Machado de acentuada fama na ribeira do Banabuiu.

O autor, recorrendo ao acervo do seu cartório, conseguiu quase projetar as linhas de um fundamental esboço genealógico estabelecendo vínculos e relacionamento destes velhos troncos familiares, remontando a suas origens e procedências. Vê-se assim as manchas férteis dos Sertões de Mombaça puderam atrair de longe levas e mais levas de imigrantes.

A seguir, TAVARES DE SÁ E BENEVIDES, profundo conhecedor de sua família, desde a colonização, estabelece a

tessitura de um importante ramo que veio da Paraíba para o Ceará, não propriamente atraído por interesses rurais, mas por laços afetivos e afinidades de ordem cultural, política.

Assentada a Capela de Nossa Senhora da Glória por provisão de 14 de junho de 1782 de Dom Tomás da Encarnação, Bispo de Pernambuco, criada a Freguesia de N. Senhora da Glória de Mombaça a 6 de setembro de 1832, consolidara-se o regime sesmeiro na unidade da Fé. Podia então vir o Município, que se institucionalizou em 1851 — Lei n.º 550, de 23 de novembro daquele ano, ao mesmo tempo em que era criado o termo judiciário com juiz leigo, instituído o cargo de Juiz Municipal togado por Decreto n.º 1999 de 21 de outubro de 1957.

Em meio a evolução da comunidade familiar, sob regime patriarcal, após a vinda de muitos curas que transitavam e se iam, veio da Paraíba Padre Antônio José Sarmento Benevides, o primeiro Benevides que cregou à Região. O prestigioso cura, o único Vigário colado chegado sozinho em 1840, fez vir os seus parentes, homens instruídos, a exemplo de José Joaquim de Sá e Benevides que foi o primeiro presidente da Câmara Municipal de Mombaça. Inicia-se então uma importante fase política, cuja crônica o autor documenta em seu estudo, mas o pitoresco vem neste tópico da SAGA:

Vinham chegando
e tomando conta de tudo.
Padre para batizar e casar,
encomendar e dizer missa,
juiz e escrivão para fazer justiça.

Padre Sarmento Benevides,
nomeado Vigário da Freguesia
de Nossa Senhora da Glória,
trazendo família letrada
e política da Paraíba,
recomendou a enxertia
do seu Clã no outro Clã.
Fazendo eleições dentro da Igreja
o Presbítero de Nosso Senhor
Cavalheiro da Ordem de Cristo,
elegeu-se deputado em oito legislaturas
da Assembléia Provincial.
Mas, o fazendeiro Antônio Gonçalves de Carvalho,
dos Lemos de Almeida,
com muita devoção,
fazia promessa,

indo ouvir missa,
levando nos ombros,
de sua Fazenda Jardim,
uma grande cruz de aroeira...
Em casa, os escravos sofriam... (4)

AUGUSTO TAVARES DE SÁ E BENEVIDES, no Capítulo que trata da Criação da Freguesia faz um completo relato da crônica e formação eclesiástica, e da ação social de todos os vigários, coadjutores e substitutos, inserindo especial registro do que exerceu mais longo paróquiato: PADRE PEDRO LEÃO PAZ (Paes) DE ANDRADE, natural de Campos Sales (Quixariús, antiga São Domingos), ali nascido a 28 de junho de 1873, ordenando-se no Seminário de Fortaleza a 30 de novembro de 1897. Tomou posse da Freguesia de N. Senhora da Glória de Mombaça a 18 de fevereiro de 1898, regendo seus destinos espirituais desde então até Setembro de 1938, durante quarenta anos, tendo falecido a 9 de setembro de 1943 em Mombaça, em cujo Cemitério foi sepultado e depois trasladados os restos mortais para a Igreja Matriz na cidade. O autor registra os dotes oratórios do Sacerdote, além dos grandes serviços espirituais que prestou a Mombaça. Reformou a Igreja, construiu a maioria das Capelas, fundou diversas associações religiosas, interessou-se pela educação da juventude, ajudando a fundar Colégios, trazendo professores e músicos que intensificaram a educação popular.

Defendeu pela Imprensa de Fortaleza a construção de estradas de ferro e de rodagem, notadamente a ligação dos sertões cearenses aos demais do Nordeste através do ramal Girão (hoje Piquet Carneiro) a Crateús. Bateu-se pela média e pequena açudagem. Ele próprio construiu açudes em suas fazendas sem quaisquer apoio público financeiro. Escreveu e publicou a epígrafe *Interesses do Ceará* as suas idéias que ensinava da tribuna sagrada misturando com o Evangelho a educação popular da lavoura e da criação de que se fez apologista e animador. Publicou em o *Correio do Ceará*, depois em opúsculos: 20/02/1920; 13/05/1920 — *Política caridade e trabalho*; *Restauração política* 20/08/1920; *O Ceará é o coração do flagelo* 05/12/1919; *O Ceará por dentro* 25/12/1919 e outros.

Se Padre Sarmiento Benevides soube enaltecer Mombaça com a sua projeção política no Poder Legislativo, Padre Pedro Leão Paz de Andrade fê-lo também lutando internamente ao lado do seu povo através da educação popular. Co-

(4) SAGA DOS SERTÕES DE MOMBAÇA — Poema cit. de F. Alves de Andrade.

mo Padre Sarmiento trouxe para Mombaça seus parentes que os integrou no trabalho agrícola em suas terras: os Paes de Castro, vindos de Assaré, que se entroncaram nos Marques Brasil e os Andrade, dos Inhamuns, oriundos do “sertão de dentro”, pois vieram primitivamente de Sergipe, dos barrancos do Rio São Francisco.

Fazendo estas achegas, pois quem escreve para a história tudo deve dar e nada omitir ou esquecer, haveremos de fazer aqui uma menção especial em memória de Padre Francisco Lino Aderaldo de Aquino, nascido em Mombaça a 23/09/1882, ordenado em São Luís do Maranhão a 25/03/1905, falecido em Fortaleza a 18/07/1941, tendo os seus restos mortais sido trasladados a 16/03/76 para a Matriz de Mombaça.

Filho do Cel. José Aderaldo de Aquino, tabelião público em Mombaça e respeitado chefe político, por sua inteligência, energia e fino trato, é um dos descendentes de Maria Pereira da Silva e dos Lemos de Almeida. O autor registra seu nome como um dos clérigos Substitutos eventuais na paróquia de Mombaça, a que vinha sempre visitar a família, tendo sido na mesma região, Vigário de Senador Pompeu. Como os Padres Sarmiento e Pedro Leão foram todos levados a envolver-se na política local, mas, portando-se com benemerência e união com o seu povo. Em sua memória documentamos a ocorrência no opúsculo “*O Presbítero e os Sertões*”, Separata da Revista do Instituto do Ceará, T. 89 — 1975.

No propósito ou tentativa de interpretação, transcrevemos aqui os seguintes tópicos à guisa de uma subjetiva análise:

“Se a própria Igreja sempre tocou as lindes do interesse político, ora envolvendo-se, ora levada a envolver-se no poder temporal, como evitar a tangência dos círculos nas áreas de concordância ou discordância?.. Desde Cristo que o dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus sempre foi um enigma. As forças encasteladas nos presbíteros, nos tempos coloniais como ainda hoje, se vêem obrigadas a tomar posição diante dos pretórios. E os clérigos são de carne e osso. Se a maioria intransigente os vê e os julga como anjos, mostra-nos a realidade que eles são homens, naquela significativa expressão do verso de Terêncio: “*homo sum, humani nihil a me alienum*”.

Dando o nosso testemunho sobre ocorrências em Mombaça e circunvizinhanças nas asperezas da cristandade nos sertões, assim prosseguimos na conjectura:

“Viviam aqueles ministros do Senhor entre os conflitos da vida rústica, os desentendimentos das famílias, os desforços pessoais não raro à mão armada, e o dever que tinham os párocos de apaziguar, unir aconselhando, e abençoar as comunidades rústicas do berço ao túmulo.

“Eram todos eles religiosamente respeitados, mas, algumas vezes compungidos, atacados, quando envolvidos no torvelinho dos conflitos ou colocando-se entre as partes como mãos entre pedras.

“A posição do sacerdote católico na comunidade primitiva dos sertões não deverá ser estudada à base de preconceitos mesmo religiosos ou místicos. Impõe-se examiná-lo como homem no quadro da solidão envolvente. Os padres são assistentes do povo.

“Da luta que eles empreenderam deveremos julgá-los em face dos perigos e dificuldades que enfrentaram; pelo bem que fizeram, apesar de tudo. Como homens, eles são ramos da mesma árvore, “queimada de sol, não raro ameaçada pelo raio ou sacodida pela ventania.” (5)

Daquele encontro entre sertanistas do Evangelho e sertanistas desbravadores do povoamento e desenvolvimento rural, cujo sonho lateja ainda na memória dos que sempre amam a terra do berço, restam painéis de existências, resultantes da miscigenação de crenças e domínios reais, concretos, na conquista da vida.

No capítulo VIII, que trata da Criação do Município, o leitor encontrará a matéria mais densa e mais extensa do livro. Trata das Câmaras, às quais competia, desde o Império, o governo econômico e municipal das cidades e vilas. Revela, com apoio em J. C. de OLIVEIRA TORRES, o reforço da tradição portuguesa que, mesmo na República, não se extinguiu totalmente. Considera as Posturas em seus pitorescos dispositivos.

O relato de todas as Câmaras municipais, desde a primeira às demais, com os respectivos períodos, seus participantes e respectiva crônica, é um levantamento cuidadoso. O autor, quando Prefeito Municipal de Mombaça, teve o cuidado de descobrir e compulsar todos os documentos relacio-

(5) F. Alves de Andrade — **O Presbítero e os Sertões** — Em memória de Padre Francisco Lino Aderaldo. Rev. do Instituto do Ceará. T. 89 — 1975.

nados com as Câmaras, sendo o seu trabalho realmente autêntico. Ninguém poderá tratar de temas desta natureza no Ceará sem compulsar esta pesquisa que TAVARES, com tanto afincó e minudências, empreendeu.

Relaciona também com os respectivos períodos de mandato todos os Chefes do Executivo Municipal, desde 1952 ao atual Prefeito, eleito em 1977, Valderéz Dinis Vieira. O mesmo faz em relação aos Juizes de Direito e Juizes Municipais, Tabeliães e Escrivães.

A Instrução Pública e Escolas são relatadas no Capítulo XI. Mesmo após criada a Freguesia em 1832, somente em 1942 foi instalada uma escola limitada ao sexo masculino, sendo o primeiro professor nomeado, o cidadão Bernardo da Silva Pereira, filho da terra e irmão do Capitão Antônio Honorato da Silva Limoeiro. Somente em 1857 foi nomeada e tomou posse a primeira professora, Maria Francisca da Conceição.

O primeiro colégio foi instalado ainda em fins do século passado, quando chegou ao Município o novo vigário da Freguesia, Padre Pedro Leão Paz de Andrade. O autor destaca essa importante iniciativa mencionando que aquele Sacerdote, "espírito inteligente e cheio de vontade de bem servir ao povo que ia dirigir espiritualmente, conseguiu, poucos meses depois, que seu amigo e ex-colega de Seminário, professor Eloi Moura, fundasse um colégio na sede do Município."

Deste colégio participava como professor o Vigário, como ouvi do mesmo, existindo no album da família uma fotografia tirada no Jardim da Casa Paroquial em que Padre Pedro Leão e o professor Eloi Moura pousavam com cerca de mais de vinte jovens estudantes filhos de Mombaça. O autor informa ter ouvido de muitos, desde a sua infância, comentários elogiosos à ação educativa daquele pequeno colégio. Seu organizador e mestre viera do Seminário de Fortaleza, o nosso melhor estabelecimento de educação. Educação européia moldada à francesa, ministrada por padres lazaristas que souberam preparar elites para o Ceará, dando-lhes um toque de conteúdo humanista, em ciências, letras e artes. De lá veio depois o professor José Militão de Albuquerque, também filho de Mombaça que, após haver cursado o último ano do curso teológico, também prestou à sua terra serviços inestimáveis, continuando o trabalho como sucessor de ELOI com um seu outro colégio.

AUGUSTO TAVARES DE SA E BENEVIDES então nos informa que daí veio toda a sua formação, porquanto, José Militão, latinista, conhecedor da língua nacional e línguas estrangeiras, ministrava aulas de português, francês, geografia e história. Outros pequenos colégios a estes se sucederam

como os de Epifânio Leite (juíz); João Batista Benevides de Figueiredo (ex-seminarista), Mario Peixoto de Alencar (juiz), Hipólito de Moraes Rocha (juiz).

O relato testemunha a significativa ocorrência de que, desde aqueles remotos tempos, funcionava no sertão a ação educativa interiorizada, em que se interessavam padres, juizes e ex-seminaristas. Assim, à base de um entusiasta espírito humanista, a comunidade local teve os seus preceptores. A fase urbanista, que se abriu com as estradas de rodagem e com a industrialização em torno das capitais, veio depois.

Eram vindos não só professores, mas músicos, como aquele Pedro Rocha, que fundou a primeira banda de música e, trazido pelo Vigário Pedro Leão Paes de Andrade, soube ensinar aos jovens até mesmo a arte de solfejo vocal e instrumental, tendo sido mestre também do tabelião Antônio Pedro de Sá Benevides, grande talento, que chegou a compositor de músicas líricas para os improvisados teatros, cânticos na Igreja e nas escolas. De sua lavra é uma nova música com que fez deslumbrar, representado pela juventude local, o drama "Flor de Abril".

Na escola primária, Ananias Amaral Vieira ensinara à geração que precedera a reforma do ensino, promovida por Lourenço Filho, quando, também, da Escola Normal vieram de Fortaleza outras professoras, entre as quais Laura de Alencar Freitas, Maria de Lourdes Ferreira Costa, Júlia Ferreira dos Santos Aires que, com Adelide Aderaldo Chaves, empreenderam, a partir das Escolas Reunidas de Mombaça (1923), a reforma educacional.

Ananias Amaral Militão e Laura de Alencar Freitas foram minhas primeiras mestras. Devo a esta última a encantadora semente que germinou em mim o gosto de escrever. Instruía as crianças com a motivação de quadros e paisagens que descrevíamos com interesse. Apresentado o trabalho, corrigido e julgado, o autor era estimulado com elogios...

No Capítulo XIV o autor faz o registo de fanatismo religioso, beatas, fatos curiosos e tipos populares, assim também de alguns crimes que ficaram na memória do povo. O último capítulo é dedicado a um tema de que o autor é no Ceará o melhor conhecedor: trata da família Benevides e sua influência no município. Confessa a sua relutância em tratar da matéria, mas, insistido por parentes e amigos, resolveu tratar do tema, acrescentando ser fácil de comprovação o seu estudo.

Realmente, o livro estaria incompleto e o autor excusando-se de dar o seu testemunho teria cometido um pecado grave. A história há que ser feita com documentos e ainda com testemunhos e recursos da tradição. Como tabelião público, dispondo de um respeitável acervo de documentos que desde muito aprendeu a manejar, possui a habilidade de relaciona-

mentos, além de conhecer por dentro e por fora a crônica familiar dos seus parentes, dedicando-se por longos anos à coleta de genealogias.

Os Benevides constituem o ramo letrado que se integrou e muito contribuiu na formação do Município, o Clã paraibano a quem o seu patriarca espiritual recomendou a sua enxertia no velho Clã dos Sertões de Mombaça. Firmou, porém, uma tradição política por vocação e habilidade. O próprio AUGUSTO TAVARES é um autêntico representante, um herdeiro das habilidades e pendor político dos padres Antônio José Sarmento Benevides e João Antônio do Nascimento e Sá. Também herdeiro deste pendor é seu irmão Paulo Feijó Benevides, eleitos um e outro deputados estaduais em várias legislaturas.

O nosso atual Senador MAURO BENEVIDES, do PMDB, é um dos ramos viçosos do antigo tronco familiar, constituindo uma semente transplantada em Pacatuba, a qual caindo, não nos sertões semi-áridos de onde proveio, mas no bonançoso sopé da ARATANHA, cresceu para o Senado da República, fazendo oposição com toda aquela argúcia dos seus ancestrais paraibanos, com aquele jeitão de lutar e tratar dos negócios políticos, do diplomata que sabe ser sempre um traço de união, sem perder a bravura e autenticidade do lutador de esgrima.

Não penetraremos a seara para uma tentativa de análise, pois o que desejamos é que o leitor vá diretamente caminhando por dentro do arvoredor genealógico, antropológico, que contém frutos de sobra para os estudiosos do tempo.

No afã de apresentar o livro ia esquecendo o autor, que se apresenta por si mesmo, neste estudo. Todavia, a sua obstinada modéstia, omitindo tudo o que diz respeito à sua pessoa, nos obriga a alentar estas referências com alguns informes sobre a sua personalidade, que avulta como um dos mais importantes filhos do torrão natal, que recebe os nossos primeiros passos, onde a família constitui a raiz do berço pátrio.

AUGUSTO TAVARES DE SÁ E BENEVIDES é um dos mais importantes filhos de Mombaça justamente por ter sabido fazer a historiografia, de um bravo e esquecido Sertão. Nascido em Mombaça, anteriormente Maria Pereira, a 21 de dezembro de 1898, é filho de José Tavares de Sá e Benevides e de d. Maria do Carmo Feijó Benevides, ambos residentes naquele Município. Neto pelo lado paterno de Antônio Pedro de Sá e Benevides, por muitos anos chefe político em Mombaça. Este Antônio Pedro era primo do Padre Antônio José Sarmento Benevides a quem sucedeu ainda na Monarquia na direção do Partido Conservador. Neto ainda pelo lado paterno de D. Joana Francisca de Sá e Benevides

esta era filha do dr. Francisco Tavares de Sá e Benevides, (irmão do Padre Sarmento), o qual fora juiz de Direito de Souza na Paraíba e deputado à Assembléia provincial paraibana em diversas legislaturas. Pelo lado materno é neto de Augusto Lopes de Sá Benevides e de D. Rosa Barroso Feijó Benevides.

Depois do curso primário estudou em Mombaça no Colégio de José Militão de Albuquerque. Em 1924 foi vereador à Câmara Municipal naquela cidade, mandato que renunciou no mesmo ano para assumir o cargo vitalício de 1.º Tabelião, Escrivão e Oficial do Registro Civil. Na Interventoria de Carneiro de Mendonça foi Inspetor Escolar. Em 1936, eleito Prefeito Municipal, logo renunciou para reassumir suas funções de Notário Público. Elegeu-se Deputado Estadual em três legislaturas. Foi Presidente do Instituto de Previdência do Estado do Ceará (IPEC), tendo-se aposentado, dedicando-se à historiografia, especialmente à genealogia (6)

Homem de letras, colaborou na revista carioca *Fon-Fon* sob a direção de Gustavo Barroso e na Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico, Antropológico) sobre a historiografia do seu Município. O interesse de TAVARES DE SÁ E BENEVIDES pela literatura levou-o a organizar em sua residência uma pequena biblioteca de autores selecionados, onde nos abastecíamos, eu e José Aderaldo Castelo, eminente professor da Universidade de São Paulo, nos tempos da juventude. Franqueava-nos os livros e abria-se num bate-papo de suas opiniões e reminiscências. Devo-lhe, como à minha professora Laura de Alencar Freitas, o gosto pela literatura.

Esta apresentação deveria ter sido feita por PLÁCIDO ADERALDO CASTELO que, por desdita de sua morte, não pôde realizá-la. Começou a escrever as primeiras páginas e chegou a mostrar-nos o esboço em que ia seguindo passo a passo, citando quase o poema que o autor destas linhas fizera sob a epígrafe de "Saga dos Sertões de Mombaça". O nosso conterrâneo e Governador foi sempre um deslumbrado, um amoroso da terra natal.

Descendia dos fundadores do lugar, de Maria Pereira da Silva, dos Lemos de Almeida e dos Marques Brasil. Vivia, como AUGUSTO TAVARES, AUGUSTO JAIME BENEVIDES e seus ancestrais, o sadio humanismo de que J. MANUEL DE MACEDO, tratando de sua terra, assim definira a afeição telúrica:

(6) Dados biográficos colhidos em Hugo Vitor Guimarães — Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará, p. 54 a 56. 1947.

“Há nesse santo amor uma escala ascendente, que vai do doméstico à paróquia, da paróquia ao município, do município à Província, da província ao império: ama-se o todo porque se ama cada uma de suas partes.” (7)

Nós todos víamos a terra do berço como um imenso e formoso halo de poesia: (8)

— As serranias do Sudoeste, caminhando para Nordeste, como braços perdidos da Ibiapaba, do Luna ao Calogi. A serra de Santa Rita, Chapadas do Quixelô, tabuleiros de Quixeramobim e dos Inhamuns, bordos dos seios encurvados das entranhas férteis da terra nua, beijada pelos vales úmidos dos sertões de Mombaça! (8)

— E o Banabuiú, descendo das nascentes, bebendo na trama dos riachos, rasgando com os afluentes torrenciais o peito cristalino antigo! Gargantas e boqueirões, vincos de serros partidos que o sertanejo barra para reter o saldo líquido na terra seca, formando açudes. (8)

Tomando então nos braços a tarefa que Plácido Castelo não pôde realizar, mas usando aquele mesmo sentimento nobre com que ele implantou a “*Estrada do Algodão*”, a energia de Paulo Afonso, retomamos o fio da meada, para, à guisa de apresentação, levarmos a mensagem deste livro à juventude. Ela aprenderá coisas esquecidas que o tempo levou, mas restam-nos sempre, como o fundamental da vida, aquela civilização do essencial que, na educação do povo, não pôde e nem deve ser omitida:

Tempos idos de aldeia solitária,
murada de rincões patriarcais,
com os seus coroneis valentes e leais,
sinceros, hierárquicos! . . . (8)

— Gente da Casa Forte da Caiçara, vocês guardaram o nome de Rodrigo, casado com Quitéria, da família dos Monte? O Comandante Augusto Francisco Vieira cresceu aqui na mesma arte do seu parente Cosme, dono da *Jacoca* e do Quixeramobim. Juntou em suas mãos quase todas as fazendas, que depois se partiram em mil pedaços e hoje só restam o *Maxixe* e o *São Jerônimo* para lhes contar a estória. (9)

— Fazenda *Barra Nova*, teus caminhos, campos e alpendres nos contam a bravura e astúcia do Capitão Honorato

(7) J. Manuel de Macedo. *O Torrão Natal*. Antologia de F. Barreto e Carlos de Laet 31, ed. p. 52.

(8) F. Alves de Andrade. *Saga dos Sertões de Mombaça*.

(9) F. Alves de Andrade. Op. cit.

da Silva Limoeiro, prendendo, sozinho, temerosos assassinos. Ele sozinho alia um batalhão. (9)

— Mombaça do Coronel Chico Brasil, sobraçando, no São Jerônimo, os velhos troncos da herança. Do termo com Juiz Leigo:

— Coronel Olímpio Vieira, Vossimicê, que é Juiz, me diga quando uma promissória prescreve?

— A promissória prescreve no dia em que o velhaco asina.

— Mombaça de Pedro Martins de Melo, altivo, mas sem arrogância, falando forte, solidário, e à frente de seus parentes unidos, ditando a um Tenente da Polícia que a família repelia a afronta. Dobrasse a esquina e deixasse a cidade. (9)

— Terra de todos nós e do Coronel José Aderaldo de Aquino, tratando rudeza com elegância, chefiando cordialmente a política, e metido em seu *croisé*, marcando quadrilhas em francês. . . . Com apenas algumas tintas a mais do ABC, mais parecia um nobre dos salões da Europa, perdido nas asperezas dos sertões, na subversão de Juazeiro, a sua casa e a do mano Ernesto, dizem que foram as únicas que não levantaram a bandeira vermelha adesista da revolução. (9)

— Vilarejo romântico de Antônio Pedro de Sá Benevides!

Vocês não o conheceram, mas eu vi o Tabelião, vibrando flautas e violões, tocando ladainhas, hinos na Escola, modinhas de calçadas e modinhas de Igreja, e fazendo representar com músicas de sua lavra o drama de “Flor de Abril.” (9)

É este rumor bucólico da cidade-rural que, a Saga nos fala, nos conta num sonho de poesia. Sonho cada vez mais lendário dos sertanistas da comunidade antiga, o qual nos chega documentado em boa parte no livro que AUGUSTO TAVARES DE SA E BENEVIDES escreveu numa mensagem aos seus conterrâneos.

Diremos que a história dos sertões é o caminho batido pelo *homo rusticus*, dependente dos vínculos concretos da natureza, levado pelo dinamismo de superar o meio hostil e de afirmar-se. Assim, ele nos transmite aquele conhecimento de comunidade a comunidade que é a experiência da vida: seus hábitos adaptativos, sua filosofia da existência, sua conduta e normas de ação. Ele ouviu a crônica dos fatos na torrente da tradição, fez levantamentos das origens e buscou sua comprovação nos documentos, colheu no povo os seus testemunhos, bebeu a linfa das estórias e episódios de sabor popular, viu-os na pauta do cartório, sem pretender esquecê-los

ou repudiá-los quando não muito exatos na exigüidade de prova material sensível.

A face positiva dos valores humanos avulta naquele pügilo de homens, ricos da seiva primitiva, daquelas damas sertanejas respeitáveis na sua ternura e simplicidade, formadoras de consciências retas e puras, que embalaram os primitivos berços da nacionalidade. Eis que é bom aqui citar este contorno ardente que Nertan Macedo poliu em seu *Clã dos Inhamuns*:

“O sertão é a pedra e sobre essa rocha ardente o sertanejo ergueu a sua verdade e a sua fé, silenciosas e duras, a verdade dos fortes, a fé dos impassíveis, triste, serena, orgulhosa.”

* * *

Paremos aqui nesta quadra difícil ante a realidade das secas que requer a lição dos fortes e, por cima de tudo, a solidariedade dos homens. Paremos aqui para no alto de uma colina mirar, encravadas na moldura de serranias e serrotes secos, aquelas manchas férteis que atraíram e aglutinaram nos Sertões de Mombaça as famílias de sertanistas da Paraíba, de Pernambuco e dos barrancos do Rio São Francisco, que cresceram deixando ao Ceará uma trajetória positiva de valores humanos. É tempo de acordar as novas gerações para fazê-las caminhar no rumo de uma economia solidária para os sertões.

— Disse um Padre Profeta: só o céu desanca o Ceará, não dando chuvas, negando água. Os Vales do Vicente, de Santa Bárbara e do João Alves, serão tão mais férteis quanto o Cariri se construírem açudes. (10) Queremos também o rio pinçado nos seus flancos, e mais a estrada de ferro com as de rodamgem vitalizando os sertões. O ramal de Piquet Carneiro a Crateús não veio, mas veio a Estrada do Algodão. E a energia de Paulo Afonso está aqui.

— Depressa, amigos, a terra está ainda viva, os campos estão bolindo e as fontes de todo ainda não secaram. Ali o Canzuim, o Canaan e o Guaraní. Eu quero ouvir os bois gaitando na Barra Nova! Depressa, por uma comunidade solidária, com o humanismo fazendo sinal em nossas frentes: Política, Fraternidade, Trabalho.

O rio BANABUIÚ, ainda pouco aproveitado, com os seus afluentes e vales não irrigados, é a esperança do povo sertanejo. Por enquanto, como revela a Saga poética, ele continua descendo ainda, carregando o limo nas águas barrentas para

(10) Padre Pedro Leão Paes de Andrade. *Interesses do Ceará*. 1920.

o mar. É preciso escrever a história com a geografia ativa.

Quando se faz a história ela se esconde ou se oculta na alma encantada das lendas que são como um sonho desfeito. Os Sertões de Mombaça têm a sua lenda que ouvimos da boca do povo. Esta lenda é a estória da "Gata de Serafim Dias" o sesmeiro rico que morreu, deixando a terra abandonada, que se partiu em minifúndios.

No alto do rochedo solitário,
com os músculos emagrecidos,
vai morrendo e resistindo
a gata de Serafim Dias,
na velha teimosia de esperar.

Basta. Não posso mais.
Eu quero ver a minha terra
com olhos de menino.
Tragam a vaca Chita Fina
e o meu carneiro Jasmim.

Hei de ver florido
o meu Riso do Prado.
Quero dar o meu peito ao Banabuiú,
descendo nas águas barrentas,
cobertas de troncos e de espumas...

Quero ir com ele,
rolando para o Mar,
o grande mar da saudade,
dos serros azulados,
bordando a terra verde
dos campos sem fim...

Este livro tem uma profunda mensagem de saudade. Por isso, resolvemos fazer esta apresentação casando-a com a nossa poesia, para que todos os que o lerem com os olhos de menino, façam acordar em si as esperanças da terra natal. Mas, que os sertões ressurjam para a libertação de seu povo, com o vigor antigo daqueles sertanistas que viram e plantaram em sua tenacidade a terra verde dos campos sem fim.